

MEMÓRIAS E AUSÊNCIAS DAS VOZES FEMININAS NAS ESCOLAS DE SAMBA: UMA REFLEXÃO SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO*

Mônica Jordão Pinheiro
*Mestranda em Memória social do PPGMS da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro*
monicajorda@edu.unirio.br

Resumo:

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre a ausência das vozes femininas no carnaval carioca, como um exemplo de mecanismo social para a manutenção da hegemonia masculina. Para tanto, foi escolhido o cenário das Escolas de Samba do Rio de Janeiro que, apesar de se comportarem como tecnologias sociais, oportunizando condições de desenvolvimento para suas comunidades e acolherem historicamente no seu âmbito todos os tipos de integrantes, a diversidade de vozes não é algo amplamente observado no decorrer de suas trajetórias. Para o recorte deste estudo, foram observadas, em especial, as ausências das vozes femininas nos microfones principais das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro, lugar de constante disputa por ser a voz, no sentido literal e simbólico, uma forte identidade e referência das agremiações. A ascensão de mulheres a este cargo é rara, e suas exceções são um grande exemplo de resistência e força, onde pressões de todos os lados são diariamente enfrentadas e onde a permanência das vozes masculinas é normalizada.

Palavras-chave: Memória Social, Gênero, Escolas de Samba.

Abstract:

This article presents a reflection on the absence of female voices in the carioca carnival, as an example of social mechanism for the maintenance of male hegemony. Therefore, it was chosen the scenario of the Samba Schools of Rio de Janeiro that, although they behave as social technologies, providing development conditions for their communities and historically welcome in its scope all kinds of members, the diversity of voices is not something widely observed during their trajectories. For the purpose of this study, it was observed, in particular, the absence of female voices in the main microphones of the samba schools of the special group of Rio de Janeiro, a place of constant dispute, a strong identity and reference of the associations. The rise of women to this position is rare, and their exceptions are a great example of resistance and strength, where pressures from all sides are daily faced and where the permanence of male voices is normalized.

Keywords: Social Memory, Gender, Samba Schools.

Introdução:

O carnaval carioca, consagrado como uma das manifestações culturais mais expressivas do Brasil, ocupa posição central na construção da memória social e na afirmação das identidades coletivas que atravessam diferentes territórios urbanos e grupos sociais. No interior desse universo plural, as escolas de samba desempenham papel fundamental como espaços de criação artística, transmissão de saberes, fortalecimento comunitário e produção de significados compartilhados. A presença das vozes que conduzem o samba-enredo integra esse processo, pois o canto principal não apenas marca o ritmo da avenida, mas também representa simbolicamente a própria narrativa que a agremiação escolheu para apresentar ao público e aos jurados. Assim, compreende-se que ocupar essa função implica também enfrentar disputas, escolhas e hierarquias que se manifestam tanto no plano estético da voz quanto no âmbito social.

Apesar da relevância das escolas de samba como instituições reconhecidas por sua capacidade de mobilizar as redes de suas comunidades e produzir sentimentos coletivos de pertencimento, observa-se que, alguns espaços e setores com o posto de intérprete principal permanecem marcados por desigualdades persistentes. Desde a formação das primeiras agremiações, as mulheres desempenharam papéis indispensáveis para a consolidação do samba, participando ativamente da criação musical, da organização comunitária e da manutenção das tradições que sustentam a existência dos desfiles. Contudo, sua presença nos microfones principais sempre ocorreu de forma irregular e pontual, resultando na construção de um cenário em que as vozes femininas são historicamente percebidas como exceções, e não como referências consolidadas como protagonistas nos carros de som das escolas de samba.

Essa configuração evidencia a existência de mecanismos de exclusão que se perpetuam mesmo diante das transformações culturais e sociais experimentadas pelo carnaval ao longo das décadas. A ausência de impedimentos formais e a inexistência de critérios técnicos que justifiquem a distinção entre vozes masculinas e femininas revelam que a limitação ao acesso das mulheres ao posto de intérprete principal não decorre de fatores musicais, mas sim de construções simbólicas e valores arraigados na tradição de uma sociedade patriarcal. Tais elementos dialogam com dinâmicas observadas em outros campos da vida social, onde barreiras invisíveis restringem oportunidades e limitam o reconhecimento público das mulheres, ainda que sua competência seja amplamente demonstrada.

A investigação sobre esse fenômeno torna-se relevante não apenas pela necessidade de refletir sobre os mecanismos nas agremiações, mas também pelo potencial que o carnaval possui enquanto espaço de elaboração de identidades e de disputa por visibilidade. Como manifestação cultural que articula memória, criatividade e participação coletiva, o carnaval reflete tensões presentes na sociedade brasileira, que incluem desigualdades de gênero e disputas simbólicas relacionadas ao reconhecimento de determinadas trajetórias. Ao examinar a atuação das intérpretes e a forma como suas histórias são registradas ou silenciadas, abre-se a possibilidade de iluminar processos que ultrapassam o âmbito artístico e que se relacionam diretamente com a constituição da memória social individual e coletiva da sociedade.

Nesse sentido, este estudo busca refletir sobre as ausências femininas nos microfones principais das escolas de samba do Rio de Janeiro, especialmente no grupo especial, e de que maneira essas dinâmicas revelam as permanências e transformações das relações de poder que atravessam o campo do carnaval. Ao situar essa problemática no contexto mais amplo das desigualdades de gênero, pretende-se contribuir para o aprofundamento do debate sobre representatividade, visibilidade e reconhecimento, evidenciando como determinados silenciamentos repercutem na construção das narrativas históricas e na consolidação das tradições que compõem o universo do samba.

Fundamentação Teórica:

O tema proposto permite a abertura de um debate amplo e bastante plural em diversas áreas do conhecimento, variando conforme o deslocamento do olhar adotado e o conjunto de referenciais teóricos utilizados. No presente estudo, o enfoque crítico é construído a partir das contribuições da Memória Social, da História do Carnaval e das reflexões advindas dos textos feministas, o que delimita apenas uma entre as múltiplas possibilidades de interpretação e análise existentes nesse campo de investigação.

Nesse aspecto, a memória, segundo argumentam Gondar e Dodebei (2005), constitui um território continuamente atravessado por disputas simbólicas, permeado por lembranças e esquecimentos que, de modo direto ou indireto, expressam e revelam relações de poder historicamente constituídas. Assim, ao analisar a ausência de vozes femininas como intérpretes principais nas escolas de samba do Rio de Janeiro, torna-se necessário compreender como determinados sujeitos e determinadas práticas foram sendo sistematicamente marginalizados da narrativa dominante, deixando marcas profundas no modo como a história é organizada e transmitida.

Por esse prisma, as contribuições de Halbwachs (2006) tornam-se fundamentais, pois o autor afirma que a memória se constitui como uma experiência que ultrapassa amplamente a dimensão da individualidade, sendo continuamente moldada, condicionada e influenciada pelo ambiente social e cultural no qual cada pessoa está inserida. O grupo ao qual o indivíduo pertence, sua família, sua comunidade e todas as formas de interação coletiva que o cercam atuam de maneira constante na elaboração das lembranças e na configuração daquilo que reconhecemos como memórias. Dessa maneira, essas memórias incorporam e refletem normas, valores, códigos e referências simbólicas daquele grupo social específico, atribuindo forma e sentido ao passado e, simultaneamente, fortalecendo os vínculos que unem os membros dessa coletividade.

No universo do samba e do carnaval, esse processo de construção e transmissão de memórias dialoga diretamente com a participação das mulheres, cuja presença sempre foi fundamental, mas, historicamente, raramente reconhecida de maneira igualitária. Desde Chiquinha Gonzaga, autora da primeira composição carnavalesca registrada em 1899, até Tia Ciata, cuja casa se consolidou como um dos principais berços do samba urbano carioca, a contribuição feminina é constante, ainda que frequentemente relegada ao segundo plano. A trajetória de Clementina de Jesus, por exemplo, ilustra esse padrão com seu reconhecimento tardio como elo entre ancestralidade africana e samba urbano evidenciando como a voz feminina foi repetidamente subvalorizada ao longo do tempo.

A observação dos carnavais cariocas de décadas anteriores reforça essa percepção, especialmente quando identificamos figuras como Clara Nunes, Elza Soares, Marlene e outras intérpretes de grande relevância à frente do carro de som de diversas escolas de samba, contrastando com inúmeros outros anos em que nenhuma mulher ocupou esse posto de destaque. Essa alternância, marcada por longos períodos de ausência feminina, revela uma significativa lacuna na trajetória de luta e conquista de espaços pelas mulheres dentro desse universo cultural profundamente simbólico.

No campo dos estudos de gênero, o conceito de “teto de vidro” (LODEN, 1978; CARVALHO NETO; TANURE; ANDRADE, 2010) mostra-se plenamente aplicável ao contexto carnavalesco. Assim como ocorre em ambientes corporativos e espaços públicos, também nas escolas de samba persistem barreiras sutis, porém altamente eficientes, que limitam o protagonismo feminino em determinadas funções, como o posto de intérprete oficial, ainda hegemonicamente associado à figura masculina.

Dessa forma, a articulação entre memória social, estudos de gênero e a história do samba, apesar de sua complexidade e da escassez de referências específicas sobre a intersecção direta entre esses campos, permite examinar de maneira mais aprofundada como as práticas culturais se relacionam e como se estruturam os processos de exclusão, de disputa pela voz e de afirmação simbólica nos processos que atuam simultaneamente no

plano das narrativas e no plano da própria performance, tanto em sentido literal quanto metafórico.

Desenvolvimento do Tema:

A presença de mulheres como intérpretes principais nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro constitui uma trajetória marcada pela intermitência e pela falta de consolidação histórica. Apesar de nomes de grande relevância para a música brasileira terem ocupado o microfone principal em momentos específicos, como Tia Surica, em 1966, Elza Soares, em diferentes edições da década de 1970, Marlene entre 1972 e 1975 e Clara Nunes em 1972 e 1974, tais participações configuram episódios isolados dentro de um conjunto mais amplo de práticas que privilegiam sistematicamente vozes masculinas. A interrupção quase absoluta dessas presenças após 1985, seguida apenas de aparições pontuais como a de Simone em 1989, evidencia a inexistência de um processo sustentável de incorporação feminina ao posto de intérprete oficial. O padrão que se delineia, portanto, não é o de ausência completa, mas o de uma presença episódica que não se converte em continuidade, legitimidade institucional ou reconhecimento pleno.

Nos carnavais mais recentes do Grupo Especial, os dados reforçam a permanência dessa lógica de exclusão. Embora vozes femininas contemporâneas como Grazzi Brasil e Victória Tavares tenham alcançado o microfone principal, sua atuação ocorreu sempre em regime de compartilhamento com intérpretes homens. O fato de não ocuparem o posto de maneira exclusiva revela que o acesso feminino ao lugar de maior visibilidade sonora ainda depende da mediação masculina e da manutenção de fronteiras simbólicas que delimitam a autonomia das mulheres na função. Nos desfiles de 2024 e 2025, essa tendência foi reafirmada: todas as doze escolas do Grupo Especial oficializaram apenas intérpretes homens. Às mulheres foram destinados majoritariamente papéis de canto de apoio, como o coro e o canto de base, que, apesar de essenciais para a performance coletiva, permanecem historicamente invisibilizados pelos registros formais e pela mídia especializada, que privilegiam a figura do intérprete principal como a voz emblemática da agremiação.

Essa configuração torna-se ainda mais significativa quando confrontada com o fato de que não existe qualquer impedimento normativo que justifique tal exclusão. O regulamento da LIESA, ao avaliar o quesito “harmonia”, refere-se exclusivamente à integração entre melodia, ritmo e execução instrumental, sem qualquer menção ao gênero, ao timbre ou a características particulares das vozes que conduzem o samba. Ao não estabelecer restrições de ordem técnica, o regulamento evidencia que os obstáculos enfrentados pelas mulheres não são formais, mas se inscrevem na esfera das construções sociais e culturais que determinam expectativas sobre quem deve ocupar o posto de intérprete oficial. Assim, a ausência feminina não revela incapacidades técnicas, mas sim processos de legitimação seletiva apoiados em valores herdados da tradição e que continuam orientando a definição de papéis dentro das agremiações.

Nesse cenário, a aproximação entre o universo das escolas de samba e o conceito de Tecnologia Social torna-se particularmente relevante. As escolas de samba organizam redes complexas de sociabilidade e constituem espaços de aprendizado coletivo, nos quais circulam saberes relacionados à música, à costura, à cenografia, à gestão e à produção cultural. Seu funcionamento cotidiano depende de práticas colaborativas que se alinham aos princípios das tecnologias sociais, como a mobilização comunitária, o fortalecimento territorial e a produção de impactos sociais positivos. No entanto, essa potência de transformação convive com estruturas de poder que reproduzem desigualdades de gênero. A centralidade comunitária das agremiações não impede que postos de autoridade e visibilidade continuem concentrados majoritariamente nas mãos de homens, o que indica

que a capacidade transformadora das tecnologias sociais encontra limites nas hierarquias simbólicas e estruturais que ainda orientam a vida social brasileira.

Desse modo, torna-se evidente a tensão entre o potencial emancipador das escolas de samba enquanto tecnologias sociais e a reprodução de assimetrias históricas que atravessam esses espaços. A manutenção das mulheres em funções de apoio, mesmo quando possuem competência técnica para desempenhar papéis de protagonismo, revela que a efetivação plena das tecnologias sociais depende da superação de barreiras simbólicas que restringem o acesso a determinadas posições. Esse processo dialoga diretamente com o conceito de glass ceiling, que descreve mecanismos invisíveis, porém eficazes, que impedem o avanço de grupos historicamente marginalizados a postos de maior prestígio e autoridade. No carnaval, tais mecanismos se manifestam de forma particularmente sutil: não há proibições explícitas, mas há práticas, discursos e expectativas normativas que moldam a percepção sobre quem “pode” ou “deve” ocupar a centralidade sonora de uma escola.

A relevância desse fenômeno torna-se ainda mais evidente quando se considera o papel simbólico do intérprete. A voz principal não apenas conduz o samba-enredo, mas traduz a emoção coletiva, narra o enredo e apresenta publicamente a identidade da escola. Sua função articula tradição, técnica e carisma, elementos que conferem ao intérprete um lugar de autoridade simbólica dentro da agremiação. A resistência em reconhecer mulheres e pessoas trans nesse espaço evidencia a persistência de processos de silenciamento legitimados por uma cultura patriarcal que se reproduz mesmo em ambientes marcados pela diversidade e pela criatividade.

Ao retomar o panorama histórico e sociocultural da presença feminina nas escolas de samba, observa-se que a limitação do acesso ao microfone principal não se explica por insuficiências técnicas, mas por mecanismos de exclusão associados a narrativas legitimadoras e expectativas sociais profundamente enraizadas. Tais mecanismos moldam não apenas trajetórias individuais, mas também formas de reconhecimento, critérios de valorização e percepções sobre competência. Nas entrevistas publicizadas na plataforma YouTube, que integram o corpus empírico da pesquisa de mestrado, as intérpretes relatam suas experiências, destacando as tensões vividas em um ambiente majoritariamente masculino e marcado por disputas internas. Esses depoimentos constituem material fundamental para análises futuras, mas, neste artigo, servem sobretudo para contextualizar o debate e sinalizar a necessidade de aprofundamento em estudos posteriores que explorem essas dinâmicas de forma detalhada.

Considerações Finais:

Os registros e narrativas sobre o carnaval carioca evidenciam que, embora as mulheres desempenhem papel central na constituição da memória do samba e na sustentação das práticas comunitárias das agremiações, permanecem sub-representadas nos postos de maior visibilidade, especialmente no microfone principal das escolas do Grupo Especial. Essa rarefação, observada ao longo da história e reiterada nos desfiles mais recentes, revela que a desigualdade de gênero não é circunstancial, mas estruturante do universo do samba. Ainda que este estudo tenha se concentrado no grupo de elite, observa-se que dinâmicas semelhantes se repetem nos demais grupos e em escolas de outras cidades, o que indica que o fenômeno ultrapassa recortes regionais ou hierárquicos.

A inexistência de justificativas técnicas para a exclusão das mulheres torna ainda mais evidente o caráter simbólico dessas barreiras, análogas ao teto de vidro identificado em diversos campos sociais. No carnaval, esse teto não se expressa por meio de normas formais, mas por expectativas sociais, discursos e práticas culturais que regulam silenciosamente o acesso a determinados lugares de autoridade. A persistência dessas desigualdades demonstra que a ampliação da participação feminina depende de

transformações culturais, disputas simbólicas e reconhecimento institucional, e não apenas da passagem do tempo ou da evolução espontânea das práticas carnavalescas.

Ao analisar o carnaval sob essa perspectiva, torna-se possível compreender que essa manifestação, embora marcada pela diversidade, pela criatividade e pela potência comunitária, também reproduz assimetrias estruturais características da sociedade brasileira. Reconhecer as barreiras que limitam o protagonismo das mulheres constitui passo fundamental para fortalecer debates sobre equidade, memória e representação dentro e fora do universo das escolas de samba.

As agremiações, por sua vez, configuram-se como instituições de produção simbólica e de mobilização comunitária capazes de promover transformações significativas no tecido social. Sua força reside na capacidade de articular identidades locais, estimular práticas coletivas e produzir narrativas que ultrapassam os limites da avenida. Entretanto, para que essa potência se converta em mudança efetiva, é necessário reconhecer as desigualdades internas que ainda determinam o acesso a posições de poder e visibilidade.

Ao evidenciar a ausência histórica e contemporânea de vozes femininas no posto de intérprete principal, o estudo contribui para ampliar o debate sobre representatividade e inclusão no carnaval, iluminando dinâmicas que refletem desigualdades mais amplas da sociedade. A identificação dessas ausências não apenas revela processos de marginalização, mas também aponta para possibilidades de transformação, permitindo que esses espaços se tornem mais plurais e democráticos.

Mais do que recuperar trajetórias silenciadas, esta pesquisa integra-se a iniciativas que buscam promover o direito ao protagonismo feminino nas escolas de samba. Ao legitimar novas presenças e ampliar o repertório identitário dessas instituições, abre-se espaço para ressignificar estéticas, práticas e modos de participação no carnaval. Assim como os enredos projetam histórias para o mundo, espera-se que as discussões sobre igualdade de gênero também encontrem visibilidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e simbolicamente diversa.

Referências Bibliográficas:

CARVALHO NETO, A.; TANURE, B.; ANDRADE, J. E. de. **Mulheres executivas: o teto de vidro em questão.** *Revista de Administração Contemporânea*, v. 14, n. 1, p. 85–103, 2010.

CASTRO, Herom Vargas; MARQUESINI, Lilian; COSTA, Luiz Fernando; MUNHOZ, Rosane. **Quelê, a voz da cor: biografia de Clementina de Jesus.** Rio de Janeiro: Record, 2017.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. **Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile.** Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 1994.

GOMIDE, Pérsio. **Da Candelária à Apoteose: quatro décadas de paixão (1970–2015).** Rio de Janeiro: Litteris, 2016.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GONDAR, Jô. **Memória social: uma reflexão sobre conceitos e práticas.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares no Brasil.** São Paulo: Boitempo. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOURA, Eneida C. **História do Carnaval Carioca**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1958.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Todavia, 2022.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o Dono do Corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

THEODORA, H. **Guerreiras do Samba**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, V6, n1. 2009.

<https://www.itsbrasil.org.br/tecnologia-social> (acessada 18/08/2025)

[2005 RTS rede de tecnologia social.pdf](#) (acessada 18/08/2025)

[Manual do Julgador | LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro](#)